

SELF, CULTURA EMOTIVA E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA: A PROPOSTA ANALÍTICA DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

Raoni Borges Barbosa¹

Resumo: A antropologia das Emoções se questiona sobre como os atores e agentes sociais constroem as culturas emotivas em que vivem, com modelos de ação (ethos) e de realidade (visão de mundo) próprios exercitados cotidianamente. Uma cultura emotiva se caracteriza como lugar de pertença e de realização de projetos, mas também lugar de medos e de envergonhamento. O conceito de cultura emotiva, destarte, abarca as cadeias de interdependência e as teias de significado construídas nos processos intersubjetivos cotidianos. A proposta da Antropologia das Emoções, neste sentido, é problematizar a construção de universos simbólicos na relação indivíduo, cultura e sociedade. A conformação do self individual se realiza na sua inserção em uma cultura emotiva dada, onde constrói relações e através delas desenvolve um sentido identitário e de pertença a um espaço interacional e societal. As emoções são, enquanto fato social total, resultado das relações entre indivíduos e grupos, abrangendo códigos morais e de conduta e gramáticas de sentidos e estranhamentos tecidos no jogo cotidiano das relações.

Palavras-chave: emoções, self, cultura emotiva, redes de interdependência, Antropologia das Emoções.

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo discutir alguns dos conceitos centrais da Antropologia das Emoções desde uma perspectiva simbólico-interacionista fortemente influenciada pela leitura de Goffman, Simmel, Mead, Cooley e outros autores da tradição pragmatista euro-americana; e, também, desde uma leitura eliasiana do processo civilizador moderno. Nesse sentido, as noções de *Self*, de *Cultura Emotiva* e de *Redes de Interdependência* são exploradas na discussão destas duas perspectivas analíticas em Antropologia das Emoções.

2 Self, cultura emotiva e redes de interdependência: a proposta analítica da Antropologia das Emoções

Em linhas gerais, a Antropologia das Emoções compreende o social como jogo denso de tensões, a cultura como precipitado intersubjetivo e o indivíduo como um ator

¹ Doutor em Antropologia. Professor Visitante na UERN Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, onde atua como Pesquisador Associado ao PPGCISH Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas e como Professor do DCSP Departamento de Ciências Sociais e Políticas. Vice-coordenador do GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e do GREI Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem. na UFPB Universidade Federal da Paraíba, e Pesquisador Associado do BITS Grupo de Pesquisa em Sociedade, Informação e Cultura.

e agente social dotado de um Self. No entender de Blumer (2017) e Mead (1973), a noção de *self* implica na capacidade de autorreflexão e autoconsciência dos sujeitos humanos.

O *self* implica uma essência cognitiva da individualidade que se autopercebe enquanto sujeito e objeto da ação reciprocamente direcionada. Na medida em que possuiu um *self*, o indivíduo social compreende a si e ao outro da relação como atores e agentes sociais, isto é, como unidades actanciais que desempenham ou rejeitam crítica e reflexivamente papéis sociais culturalmente disponíveis, movimentando os espaços interacionais e societais como experiências de tensão e indeterminação.

A noção de *self* autoespelhado, desenvolvida por Cooley (2017) a partir da sua leitura do conceito meadiano de *self*, enfatiza, por sua vez, a construção social do *self* não somente no processo interacional e intersubjetivo, mas, também, como jogo reflexivo do eu individual consigo mesmo, internalizando a visão do outro sobre si e buscando antecipar as possíveis ações do outro no jogo interacional. O ator e agente social, entendido como *self*, é socialmente formado na ação recíproca da interação simbólica, organizando enquadramentos comunicacionais, morais e emocionais.

A noção goffmaniana de indivíduo social enquanto jogador discreto, melindroso, reservado, sensível à sua autoimagem e à imagem de si que se lhe comunica no jogo social foi enriquecida pelas noções de *self* de Mead e de *self* autoespelhado de Cooley. Isto implica, por definição, que o social e a cultura são percebidos, respectivamente, como contexto complexo de indeterminação e criatividade e como repertório simbólico tensionado pelo ator e agente social em jogo comunicacional.

Implica, sobretudo, que a formação do ator e agente social se realiza e se preserva na dinâmica interacional, em redes fluidas de interdependência, portanto, que se organizam como ritual de interação. Nessa perspectiva simmeliana do social como sociabilidades (Simmel, 2006, p. 18):

...a existência humana só se realiza nos indivíduos, sem que, todavia, com isso se reduza a validade do conceito de sociedade. Entendido em seu sentido amplo, o conceito de sociedade significa a interação psíquica entre os indivíduos.

Simmel entende o social enquanto processo tenso, conflitual e indeterminado entre culturas subjetivas, - aqui entendidas como *selves*, - em jogo interacional, cujo resultado, notadamente transintencional, gera uma cultura objetiva dada. A cultura se apresenta, assim, no modelo de um jogo tensional em que cultura subjetiva e cultura objetiva se condicionam reciprocamente.

As emoções e a cultura emotiva são entendidas como complexos semânticos e como gramáticas actanciais pautadas em sentimentos variados socialmente construídos na interação, e não a partir de derivações biopsíquicas. O social e a cultura, sob a ótica da Antropologia das Emoções, só são possíveis na interação de atores e agentes sociais autorreguladores em encontros sociais no formato de ritual, de modo que os processos intersubjetivos possam objetificar-se na forma de linguagens, códigos e gramáticas emocionais, morais, cognitivas e comportamentais.

O ritual, no entender de Goffman, constitui, com efeito, a forma autorreguladora, autorreferente e recíproca que emerge como precipitado da experiência interacional, sempre contingente e perigosa para o Self individual, mas a partir da qual o mesmo se atualiza, se preserva, se reinventa e se expande enquanto projetos, memórias e afetos,

mas também enquanto linha e fachada. No entender de Goffman, a interação ritual se organiza basicamente como um encontro social em que no mínimo dois atores se apresentam como *linha* e *fachada* para o outro relacional.

Enquanto a *linha* indica o padrão interacional do Self; a *fachada* compreende o valor social positivo que o Self reivindica a partir dos atributos sociais de sua linha. Linha e fachada, assim, são momentos do Self individual socialmente integrado.

Ao entender o Self individual sempre em relação com o outro, isto é, como jogador reflexivo e criativo em rituais de interação, produzindo padrões interacionais e comunicando atributos morais, Goffman compreende o Self sempre inserido em redes de interdependência e em culturas emotivas específicas. As redes de interdependência são complexos altamente moralizados, pudes de expectativas públicas e de embaraços; e as culturas emotivas compreendem não somente as objetificações do jogo interacional, mas também as disposições internas da subjetividade do indivíduo socialmente constrangido.

O constrangimento recíproco entre selves em jogo comunicacional é o elemento fundamental da ordem moral, regulando a ordem expressiva e emocional possível. Goffman, nesse sentido, enfatiza a ligação emocional que o Self individual desenvolve em relação às fachadas que manipula publicamente.

A fachada, como constructo derivado das regras do jogo e das definições da situação social, atravessa a subjetividade e se localiza difusamente no fluxo de eventos no encontro social, isto é, no espaço simbólico entre os selves. A relação entre linha e fachada do Self individual aponta para a noção goffmaniana de social como sistema de expectativas de expectativas, em que a confiança em si e no outro relacional, derivada da confiança nas regras do jogo social, é o operador básico de uma sintaxe interacional perpassada por vulnerabilidades, riscos e patologias próprias da interação.

Os Selves em interação respondem aos riscos dos encontros sociais com estratégias de preservação da ordem moral em fluxo, de modo que os atores e agentes sociais se mostram orgulhosos, honrados e dignos em relação à fachada que sentem como propriedade do Self, muito embora seja um empréstimo e uma forma de coerção e controle do social próprio das redes de interdependência. Goffman (2012, p. 49), ao discorrer sobre o Self individual, isto é, o ator e agente social dotado de um Self, e, conseqüentemente, inserido em redes específicas de interdependência que articulam culturas emotivas próprias, enfatiza que:

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la, a pessoa se torna uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente. Essas regras, quando seguidas, determinam a avaliação que ela fará sobre si mesma e sobre seus colegas participantes no encontro, a distribuição de seus sentimentos, e os tipos de práticas que ela empregará para manter um tipo especificado e obrigatório de equilíbrio ritual.

Para Goffman, portanto, a regra do auto-respeito e da consideração pelo outro são elementos da mesma ordem e refletem o compromisso do Self individual de não destruir a ordem interacional: de manter-se nas fronteiras de suas redes de interdependência e de não transgredir as normas e valores de sua cultura emotiva. Goffman, desta forma, é enfático ao descrever o espaço interacional como um mundo altamente moralizado de

vínculos sociais, dotado de códigos singulares que regulam o tráfego humano ordinário e a economia moral e emocional de apresentação da linha e da fachada de cada ator e agente social (Goffman, 2010).

O repertório simbólico das formas de preservar a fachada revela, assim, os meios e os fins legítimos da ação na cultura emotiva das redes de interdependência em que o Self individual se desloca. A preservação da fachada implica em perceptividade: a capacidade reflexiva do ator e agente social em antecipar ações e em assumir hipoteticamente a perspectiva analítica e axiológica do outro.

A conformação moral e emocional do Self individual se realiza na sua inserção em uma cultura emotiva dada, onde constrói relações e através delas desenvolve um sentido identitário e de pertença a um espaço interacional e societal. Desta forma, as emoções constituem fatos sociais totais (Mauss, 2003), pois abarcam não só as dimensões biopsíquicas da vida dos sujeitos sociais individuais, mas, e principalmente, os aspectos socioculturais da existência coletiva.

As emoções apontam para as intenções do ator e agente social (Jaggar, 1997) e seus pensamentos encorpados (Rosaldo, 1984) em jogo comunicacional, e para os vocabulários de motivos (Wright Mills, 2016) socialmente construídos e aprendidos em situações concretas no âmbito de uma ordem social. A Antropologia das Emoções se questiona, nessa proposta analítica, sobre como estes atores e agentes sociais dotados de um Self constroem as culturas emotivas em que vivem, com modelos de ação e de realidade próprios exercitados cotidianamente.

Uma Cultura Emotiva, nesse sentido, se caracteriza como um lugar de pertença, de modo que exige do Self individual uma conformação tanto moral-emocional quanto cognitivo-comportamental em relação aos contextos interacionais em que ele se desloca.

O conceito de cultura emotiva, destarte, abarca as cadeias de interdependência e as teias de significado construídas nos processos intersubjetivos cotidianos, indicando os modos de ação e de realidade atualizados pelo indivíduo social em conformidade com suas práticas de definição da situação e de administração de suas linhas e fachadas interacionais. A pertença, como emoção basilar de uma cultura emotiva, é o lócus social da manifestação da normalidade normativa e do exercício de semelhança e dessemelhança nos processos de formação de individualidades, de registros únicos de experiência e significação mediante trocas materiais e simbólicas entre indivíduos sociais localmente situados.

Indivíduos estes munidos de mapas cognitivos e emocionais que permitem leituras e visões de mundo em um lugar de fala próprio, mas sempre cultural e socialmente satisfeitos (Koury, 2003). Enquanto a perspectiva analítica simmeliana e goffmaniana em Antropologia das Emoções enfatiza a reflexividade do ator e agente social nos processos intersubjetivos face a face na forma de self, de linha e fachada, e de cultura subjetiva, privilegiando a observação das gramáticas morais e emocionais das culturas emotivas emergentes; a perspectiva eliasiana em Antropologia das Emoções enfatiza a análise dos processos modernos de sócio- e psicogênese em tempo longo, de modo que as redes de interdependência que compõem o social são definidas como figurações e a cultura emotiva é problematizada desde a noção de *habitus*.

No entender de Elias, a sociedade moderna se organiza enquanto figurações sociais de indivíduos em complexas redes de interdependência, tendo a emoção vergonha como o momento social e psíquico central de regulação cotidiana da economia dos afetos e da motivação interna e da recompensa externa que orientam a ação social legítima. A complexificação e a racionalização do social, no ocidente, segundo uma lógica instrumental burocrática e mercantil, é pensada por Elias a partir da leitura freudiana do social como modulador psíquico dos indivíduos em direção a espirais de mais autoregulação e de mais autocontrole, de modo que o processo civilizador implica na proliferação de medos sociogênicos e de constrangimentos e vergonha no espaço societal de heterarquias politextuais e hipercomplexas para o indivíduo social.

A conformação do *habitus*, na modernidade, resultou, nesse sentido, de um processo de longa duração de expansão do limiar da repulsa e da vergonha, assim como de uma intensificação na capacidade reflexiva do indivíduo social, cada vez mais fragmentado no interior de redes impessoalizadas e destradicionalizadas de direitos e obrigações. O processo civilizador, assim, tem consequências dolorosas para o indivíduo, dentre estas desponta a emergência de um superego ou de uma segunda natureza internalizada que constrange, envergonha e amedronta o indivíduo social no sentido da padronização de suas condutas, comportamentos, desejos, memórias e projetos.

Esta transformação sublimatória dos impulsos humanos em códigos sociais de realização subjetiva, mediante processos intersubjetivos de construção negociada do real, exige a pacificação das pulsões agressivas, o que, no entender de Elias, passa pela emoção vergonha como momento central do giroscópio moral e emocional de uma sociedade de indivíduos conectados em amplas e complexas cadeias de interdependências. A forma como o sentimento de vergonha é construída em uma cultura emotiva, assim, aponta, para os medos que ali moldam os projetos e trajetórias individuais e coletivos, haja vista que medo e vergonha se condicionam reciprocamente.

A vergonha pode ser entendida como o medo de perder a face, ou como uma angústia perante medos que o indivíduo não vê, no momento situacional, capaz de superar. Os medos, portanto, uma vez compreendidos para além de uma perspectiva meramente instintiva, constituem uma prática social no espaço das interações vividas e experimentadas em situações concretas com o outro relacional.

A alteridade, deste modo, é o mecanismo social que regula a vergonha e os medos através do encontro interacional. Encontro este que não se reduz a uma simples reprodução de padrões social e culturalmente esperados, mas, como um equilíbrio de tensões nas relações de poder das figurações sociais de uma sociedade.

3 Considerações Finais

Este artigo buscou discutir, em linhas gerais, a proposta analítica da Antropologia das Emoções desde as perspectivas simbólico-interacionistas e figuracionais fortemente influenciadas, respectivamente, por Goffman, Simmel, Mead e Cooley, por um lado; e, por outro lado, por Elias. Ambas as perspectivas exploradas classificam o fenômeno das Emoções a partir de abordagens não essencialistas, inscrevendo-o como dado complexo

integrante do processo intersubjetivo e da relação tensa entre indivíduo, cultura e sociedade.

Goffman, Simmel, Mead e Cooley exploraram profundamente a noção de indivíduo como ator e agente social, como cultura subjetiva, como self e como self autoespelhado que crítica e reflexivamente produz e reproduz o social e a cultura em dinâmicas ou rituais de interação ou sociação, de modo que as emoções ou culturas emotivas despontam como linguagens, gramáticas e códigos comunicacionais atualizados pelos indivíduos no jogo interacional. Elias, por sua vez, abordou o fenômeno das Emoções desde a perspectiva das figurações sociais em processos históricos de formação e consolidação, de maneira que problematizou a cultura emotiva de redes de interdependência reais como economia de afetos, etiquetas e habitus; e pode, assim, identificar historicamente o lugar de emoções específicas, como a vergonha, o nojo e a repulsa, na construção sócio- e psicogenética da modernidade ocidental. Ao tensionar a proposta analítica da Antropologia das Emoções a partir dos conceitos de Self, Cultura Emotiva e Redes de Interdependência, a presente comunicação buscou enfatizar, assim, as possíveis complementaridades entre os autores trabalhados.

Referências

- BLUMER, Herbert. A Sociedade como interação simbólica. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 46, p. 14-22, 2017.
- COOLEY, Charles Horton. O self social e o significado do Eu. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 47, p. 173-192, 2017.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sobre a perspectiva da sociologia do processo. In: Ademar Gebara/ Cas Wouters org. *O controle das emoções*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2009a, p. 19-46.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- JAGGAR, Alison M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: Alison M. Jaggar e Susan R. Bordo (orgs.). *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, p.157-185, 1997.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: Cláudia Leitão (Org.), *Gestão Cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 75-88. 2003.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, p. 183-314, 2003.

- MEAD, George H. Espíritu, persona y sociedad: Desde el punto de vista del conductivismo social. Buenos Aires: Paidós, 1973.
- ROSALDO, Michelle Z. Toward an anthropology of self and feeling. In: Richard A. Shweder e Robert A. LeVine (orgs.). *Culture Theory: Essays on mind, self and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 137-157, 1984.
- SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- WRIGHT MILLS, Charles. Ações situadas e vocabulários de motivos. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 15, n. 44, p. 10-20, 2016.

SELF, EMOTIVE CULTURE AND INTERDEPENDENCE NETWORKS: THE ANALYTICAL PROPOSAL OF THE ANTHROPOLOGY OF EMOTIONS

ABSTRACT

The anthropology of Emotions questions how actors and social agents build the emotional cultures in which they live, with their own models of action (ethos) and reality (worldview) daily exercised. An emotional culture is characterized as a place of belonging and of carrying out projects, but also as a place of fears and shame. The concept of emotional culture, therefore, encompasses the chains of interdependence and the webs of meaning constructed in the daily intersubjective processes. The proposal of Anthropology of Emotions, in this sense, is to problematize the construction of symbolic universes in the relationship between individual, culture and society. The shaping of the individual self takes place in its insertion in a given emotional culture, where it builds relationships and through them develops a sense of identity and belonging to an interactional and societal space. Emotions are, as a total social fact, the result of relationships between individuals and groups, encompassing moral and conduct codes and grammars of meanings and strangeness woven into the everyday game of relationships.

Keywords: *emotions, self, emotive culture, networks of interdependence, Anthropology of Emotions.*